



CORPO, SOCIEDADE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE[√]

Sara Ribeiro CARVALHO*
Estêvão Monteiro GUERRA**

RESUMO

O corpo aparece como objeto de análise imperativo na atualidade. Pensar o modo como o corpo é valorizado contemporaneamente parece ser de fundamental importância no campo de estudo da psicologia. O presente trabalho pretende analisar o culto ao corpo tomado como forte tendência de estilo de vida perante uma sociedade que valoriza cada vez mais a exposição de corpos belos e esculpidos. Para tanto parte-se, sobretudo, de uma perspectiva psicanalítica e de outras abordagens do campo filosófico, onde o corpo é conferido como algo erógeno, erótico e autoerótico, designado na ordem do simbólico, representacional. Verificamos o processo pelo qual se dá a passagem de um corpo autoerótico ao corpo do narcisismo, através do qual o sujeito constitui a ideia de um corpo unificado, o que possibilitará a constituição do eu. Numa segunda perspectiva, se verificou como este corpo é inserido numa sociedade controladora, imperativa de normas, disciplinas e modelos, e a qual confere ao corpo sinônimo de poder.

Palavras-chave: corpo. sociedade. culto ao corpo.

1 INTRODUÇÃO

É impossível ignorar o lugar privilegiado que o corpo tem assumido na atualidade. Nunca se falou tanto do corpo, nunca se exibiu tanto o corpo e nunca se valorizou tanto o corpo. Entramos em uma era onde a dedicação ao próprio corpo ganha cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas. Eis, portanto, o motivo pelo qual surge o interesse pelo estudo do corpo.

[√] Artigo recebido em 22 de setembro de 2015 e aprovado em 15 de dezembro de 2015.

* Graduada em psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

@: sararibeiro@hotmial.com

** Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Docente de Psicologia no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

@: estevao.guerra@yahoo.com



No intuito de começarmos a travessia pelos acoplados campos desta teorização, há inicialmente um interesse no conhecimento sobre o que caracterizaria o corpo e qual o desfecho que nos leva a maturação do psiquismo até a constituição do Eu.

Posteriormente, pretende-se verificar como se dá a inserção deste corpo na sociedade atual, visto que o corpo traduz o encontro da aparência e da essência, como um vetor de comunicação que une e reúne, faz e desfaz, situa e desloca os indivíduos nas sociedades.

Para tanto consideramos a coerção social exercida sobre os indivíduos, impelindo-os a se preocuparem com o aprimoramento de seus corpos a fim de que possam melhor se apresentar diante dos olhos do outro social, já que a imagem do corpo, projetado pelo corpo de cada um, funciona como cartão de visita por meio do qual nos apresentamos aos outros na sociedade.

Neste sentido, finalmente, este trabalho analisa o culto ao corpo como forte tendência de comportamento e uma das dimensões dos estilos de vida construídos, dentre as tantas escolhas presentes na sociedade contemporânea.

2 O CORPO LIBIDINAL

Em psicanálise o estudo do corpo compreende o estudo do corpo pulsional. O corpo é fonte, objeto e veículo das pulsões, ou seja, é através do corpo que emanam as necessidades e os desejos (CHEBABI, 1999).

Segundo Assoun (1993, *apud* FERNANDES, 2011), o corpo é corpo biológico ao mesmo tempo em que é corpo subjetivo. O corpo biológico é “o corpo real, objeto material e visível que ocupa um espaço e pode ser designado por certa coesão anatômica” (FERNANDES, 2011, p.100-101). O corpo subjetivo, ou *Leib*, é “o corpo tomado em seu enraizamento, em sua própria substância viva, o que não pode passar sem uma conotação metafísica: não é apenas um corpo, mas o Corpo, princípio de vida e de individuação” (FERNANDES, 2011, p.101).

Para entender como o corpo é tratado na teoria psicanalítica freudiana, é necessário entender o conceito de pulsão e zona erógena, os sintomas histéricos, e a constituição do eu. Freud (1989f) expõe que pulsão é uma força que impulsiona o sujeito, que o coloca em movimento, é uma espécie de energia própria da libido. A

sexualização de um tipo de pulsão encontra sua primeira base na noção de zona erógena. A respeito das zonas erógenas ele afirma que há uma excitação sexual e que esta é fornecida não só pelas partes sexuais, mas por outros órgãos do corpo, principalmente pelos orifícios e mucosas. Sendo assim, essas zonas erógenas, poderiam substituir os órgãos genitais e se comportar de maneira isomorfa a eles. As zonas erógenas fazem parte do aparelho sexual e através da histeria podemos observar melhor o seu sentido.

Freud (1989b, 1989c), ao inferir sobre os sintomas de conversão na histeria, fala que eles fogem à ideia anatômica de corpo, ou seja, o corpo de que estamos falando vai além de algo físico, mas um corpo que se relaciona ao subjetivo. Ainda segundo o autor, ao referir-se à constituição do Eu, infere que esta nos permite constatar como o corpo é a base para a constituição psíquica, através da qual o indivíduo torna o corpo como próprio e unificado.

Chebabi (1999) fala que o corpo não se trata apenas de uma simples superfície, mas também da projeção mental de uma superfície. O corpo de que se trata Freud é a imagem do corpo. Sendo assim não se trata de um corpo constatado, mas de um corpo construído. Neste contexto, Freud (1989b, p.40) infere que “o ego, é primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio a projeção de uma superfície”.

A esse respeito, segundo Ferreira (2008), a construção do processo perceptivo e cognitivo está intimamente ligada à corporalidade. A corporalidade é a fornecedora de elementos à configuração interna de mundo, à produção de significados e ao estabelecimento de relações objetais, assim como a base para que o sujeito haja com intencionalidade perante o mundo, no sentido de defini-lo e organizá-lo.

Neste sentido, segundo Ferreira (2008), o Eu se apresenta como uma extensão da superfície corpórea, estando sua constituição diretamente ligada à corporalidade. Os processos fisiológicos, ou biológicos, estão inter-relacionados aos processos psíquicos, ou simbólicos. Portanto, quando falamos na construção da subjetividade estamos falando da correlação de sua origem nas manifestações provenientes das experiências corporais.

Partindo desse pressuposto, Anzieu (1989), ao discorrer sobre o que ele chamou de ‘Eu-Pele’, nos remete ao entendimento de que o Eu nasce da noção



corporal através do contato da pele. A pele, por sua estrutura e funções, antecipa, no plano do organismo a complexidade do Eu no plano psíquico. Sendo assim, ele assente a teoria freudiana quando diz que “toda função psíquica se desenvolve com o apoio de uma função corporal cujo funcionamento ela transpõe para o plano mental” (ANZIEU, 1989, p.127). Segundo o autor, num primeiro momento da vida a criança irá perceber a pele por meio do contato de seu corpo com o corpo da mãe. A partir desta experiência com a superfície corporal, do ‘Eu-pele’, é que, em fases mais precoces da vida, o indivíduo irá se utilizar para representar a si mesmo.

O ‘Eu-pele’ é uma condição necessária para a noção de um corpo unificado e para a construção do Eu e suas instâncias psíquicas. A pele irá fornecer ao aparelho psíquico do sujeito as representações constitutivas do Eu, sendo assim, a pele configura-se na base para a construção egóica do sujeito. Além disso, o ‘Eu-pele’ que vai dar base ao sujeito na delimitação do seu corpo com o mundo. A constituição do ‘Eu-pele’ é uma das condições da passagem do narcisismo primário ao narcisismo secundário, e do masoquismo primário ao masoquismo secundário. A pele é o principal, senão o primeiro, meio de contato entre o indivíduo e o meio que o circunda, a pele configura-se em um dos órgãos mais importantes nos seres humanos, já que se pode viver cego, surdo, sem paladar e sem olfato, mas não sem a integridade da maior parte da pele (ANZIEU, 1989).

Sendo assim, é o Eu-pele que possui a função de separação do dentro e do fora; o que se apresenta semelhante aos postulados de Freud (1989d), a respeito das barreiras de contato, entendidas como invólucro pulsional, ou lugar de armazenamento das qualidades sensíveis e táteis e de registro de traços, e que se incumbirão da constituição do corpo erógeno, ao Eu.

Freud (1989a, 1989d) apresenta então o modelo de aparelho psíquico que tem sua formação no bebê a partir da instalação de um caos pulsional, originado do excesso de pulsão recebida do contato com o mundo exterior no momento do nascimento. A partir das trocas estabelecidas deste contato e da percepção fora/dentro, prazer/desprazer, que o bebê aprenderá a se defender, afastando o que é considerado por ele desprezível e atraindo o que é considerado prazeroso. Sendo assim, o aparelho psíquico tem por objetivo reduzir a tensão interior através de uma descarga de excitação. O aumento da tensão interna é tido como algo que causa dor e a descarga da excitação é tida como causadora de prazer. Neste sentido, os

conceitos de dor e prazer se relacionam à constituição do aparelho psíquico e, portanto, na constituição do Eu. Eu este, é claro, corporal.

Fernandes (2011) infere sobre a relação do corpo com a construção do Eu e com a introdução ao narcisismo, onde o ego corporal é caracterizado também como narcísico. É através do narcisismo que o sujeito se constituirá como Eu unificado, identificando o corpo como si mesmo. “O narcisismo trabalharia, assim, a favor de uma abordagem do corpo como corpo próprio” (FERNANDES, 2011, p.116).

Freud (1989e), neste sentido, fala do narcisismo primário, onde a satisfação da libido se dá, num primeiro momento, no autoerotismo. A libido estará voltada para a satisfação no próprio corpo. Isso é antecedente à constituição do Eu e a diferenciação deste com relação ao mundo. Posteriormente passa-se ao narcisismo secundário, composto de dois momentos, onde no primeiro a mobilização da libido estará investida nos objetos e no segundo essa mobilização retorna ao próprio eu. Com o tempo o indivíduo passa a ter a capacidade de se diferenciar do mundo e constitui a base para a construção do Eu.

É o narcisismo que dá sustento à ideia de que o sujeito pode amar o próprio corpo. Freud (1989e) atribui ao corpo inteiro essa erogeneidade. Através do registro do narcisismo que o indivíduo percebe o outro em sua própria imagem, e consegue constituir a ideia de um corpo unificado, possibilitando uma representação de si mesmo. O narcisismo é então um estado constitutivo do Eu, é sua estrutura fundante.

Sobre o narcisismo e a imagem do corpo, Lacan (1998), no conceito de Estágio do Espelho como formador da função do Eu, ressalta a importância da imagem na constituição subjetiva do sujeito. O autor se refere ao ‘estágio do espelho’ como uma identificação, onde o sujeito adquire a unidade funcional do corpo, e onde ele reconhece a imagem de um corpo unificado, sendo esse período antes da aquisição da linguagem. A identificação através do espelho faz com que a criança utilize-se de sua imagem e dos movimentos assumidos por ela para não só a construção do Eu, como também no auxílio na relação de seu próprio corpo com o meio.

No entanto, antecedente à formação do Eu, quando o sujeito olha para a própria imagem ele se confunde com ela, fazendo dele alienado. Isso despertará posteriormente no sujeito tanto a construção do Eu, como o estabelecimento do



vínculo com a realidade. Portanto, pode-se inferir que a captura da imagem pelo sujeito organiza, através do fictício, o modo como este se percebe e constrói sua relação com o social. A identificação através da imagem no espelho, que para o sujeito, ao mesmo tempo em que vê sua imagem, esta lhe parece estranha, possui função de projeção, que vai fazer com que o indivíduo organize a sua percepção acerca da realidade, o que confere a ele uma estabilidade diante do mundo (LACAN, 1998).

A forma pela qual o sujeito se vê, diante de sua imagem como miragem a maturação de sua potência, é dada como Gestalt onde a forma é mais constituinte do que constituída, imobilizadora e invertida em oposição aos movimentos animados pelo indivíduo (LACAN, 1998).

Através do processo de construção do Eu o sujeito começa a ter uma simbologia da representação do outro e da sua relação com este outro, fazendo com que o outro também se torne objeto de identificação ou referencia reguladora de sua própria imagem (LACAN, 1998).

3 O CORPO NA SOCIEDADE

Partindo do pressuposto de que é através do corpo que o sujeito se constitui como si e se relaciona com o social, então, pode-se afirmar que o corpo se torna o principal meio de ligação sujeito x sociedade. Essa relação entre as duas partes estará pautada nos padrões culturais vigentes estabelecidos pela última, na medida em que ela controla os comportamentos do sujeito com relação ao corpo. Essa analogia ainda correlaciona-se com os interesses e necessidades de ambos – sujeito e sociedade – influenciando-os mutuamente (FERREIRA, 2008).

Tais interesses e estratégias variam desde os preceitos ideológicos, passando ao interesse do mercado capitalista, que então, atribui ao corpo como algo simbólico e dotado de poder. É o poder que vai conferir ao sujeito o seu posicionamento na sociedade (FOUCAULT, 2003; FERREIRA, 2008).

Segundo Foucault (2003) todas as sociedades são constituídas através de relações de poder. Segundo ele não existe sociedade sem relações de poder, e se assim existissem seria uma abstração. O poder para o autor ainda coloca em questão as relações entre indivíduos, portanto quando falamos em estruturas ou

mecanismos de poder, supomos que ‘alguns’ exercem um poder sobre os outros. Estamos falando, então, de uma relação de coerção, onde a sociedade é a dominadora das formas de controle e o indivíduo é o subserviente desta ordem, que impõe a ele a aceitação e a manutenção de suas cláusulas.

Segundo Foucault (2004), o corpo é o ponto de partida para as relações de poder. Sendo assim, o controle se inicia no corpo e com o corpo e, portanto, para entender o contexto do sujeito na sociedade, e as relações de poder, é necessário o entendimento a cerca do corpo.

A aparição do corpo como *lócus* de poder, segundo Foucault (2003,2004), se dá a partir da ação sobre o corpo, no sentido de adestrá-lo e regular seu comportamento. Nesse sentido o corpo é conferido como algo dócil e modelável, podendo ser modificado para ser utilizado como ferramenta de controle, com capacidade de adestramento perante os preceitos da sociedade, algo que obedece à dominação do controle social. Quando nos referimos à modelagem dos corpos, conferimos a este ultimo como algo útil e produtivo. As ações dos corpos devem enquadrar-se dentro de regras e de normas impostas. Além disso, tais regras devem aparecer como algo normal e natural, para o bem da sociedade.

Através da disciplina e controle dos corpos pretende-se aumentar as potencialidades e habilidades desde, além de permitir o controle minucioso de suas operações (FOUCAULT, 2003, 2004). Neste sentido o poder adquire uma potencialidade produtiva, “e é justamente esse aspecto que explica o fato de que tem como alvo o corpo humano, não para suplicá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo” (FOUCAULT, 2003, p. 16).

Ferreira (2008) infere que existem muitos interesses e muitas estratégias que permeiam este contexto. Segundo ele haveria uma multiplicidade de processos, de todos os lados, e que fazem da imagem corporal objeto de controle perante a sociedade, e que também atuam no sentido do encontro à produção de subjetividade dos sujeitos, na medida em que pretendem oferecer um mercado disposto a atender, aos desejos individualistas e narcisistas desses sujeitos. Neste sentido os interesses, individuais e do mercado capitalista, se encontram atrelados de forma a beneficiar-se, ou seja, os desejos individuais acabam por serem direcionados a alimentar o interesse dos responsáveis pela indústria da metamorfose.



Ao falarmos em metamorfose dos corpos e produção de subjetividade, nos referimos a obediência às técnicas disciplinadoras, ou modeladoras dos corpos, que pretendem a concepção não apenas de corpos padronizados, mas também de subjetividades controladas (MISKOLCI, 2006). Neste sentido, segundo Sant'Anna (2001) o controle dos corpos está tão presente na atualidade, que os indivíduos, através da aparência física, mostram tudo aquilo que cada um quer mostrar de sua subjetividade.

Segundo Foucault (2003), os sujeitos se tornam alienados, presos às normas e modelos impostos, sempre estando à mercê dos interesses das partes controladoras, interesses estes, que vão de encontro ao apelo do controle-estimulação. Com isso o corpo encontra-se atrelado em um jogo de lutas, entre produto e meios produtores. O poder responde através de uma exploração econômica e “encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’” (FOUCAULT, 2003, p.147).

Deleuze (2001) em contrapartida, fala também da relação da subjetividade na construção do sujeito, onde coloca que o corpo tenta escapar as tentativas de controle. Segundo ele o corpo pode transcender às tentativas de controle através da possibilidade da constituição de uma subjetividade. No entanto, essa subjetividade surgiria do contato com o outro, outro este social, através dos acontecimentos, que produziram efeitos sobre o indivíduo e seus corpos, portanto essa subjetividade é tida como algo construído de acordo com a vivência (DELEUZE, 2001).

Segundo Deleuze (2001) é através da vivência que o sujeito terá a possibilidade de produzir sentidos sobre si e sobre o meio que o rodeia. Portanto o sujeito não pode ser concebido como uma unidade pronta, mas como uma unidade a ser construída de acordo com os dados de sua experiência no decorrer da vida. Sendo assim, na medida em que o sujeito se relaciona com o outro que ele vai adquirindo novas experiências e novas maneiras de se conhecer e conhecer o outro.

Deleuze (1998), ao inferir sobre a possibilidade de singularidade do sujeito, fala a respeito de forças que perpassariam sobre o sujeito. Segundo ele os dados podem ser tomados como forças que afetariam o sujeito desorganizando-o, ou desorganizando o Eu. Tais forças conferem uma relação de enfrentamento, de luta e de choque. Nesta relação o sujeito não pode ser concebido como unidade pronta,

mas ele se organiza na medida em que entra em contato com essas forças, e com as ações dela sobre outras forças, além das ações de outras forças sobre ela, e que vão garantir a ele a possibilidade de constituição de sua singularidade, a qual pode ser alienada. Sendo assim, para analisar o indivíduo é necessário se conhecer sua história e as forças que circundam todo o processo afetando seu corpo (DELEUZE, 1998). Segundo Foucault tais forças seriam: “[...] força de imaginar, de recordar, de conceber, de querer” (FOUCAULT, 1988, p. 132).

Neste mesmo sentido, Ferreira (2008) salienta que o corpo tenta fazer-se um rebelde, mesmo com todo o tipo de imposição, barreira e entraves que a sociedade coloque em cima dele. Ao falar dessa possibilidade infere que “o corpo escapa às determinações e tentativas de controle impostas pelo poder, que, por sua vez, também se metamorfoseia, se adapta, criando novas formas de repressão e controle”. (FERREIRA, 2008, p.479).

No entanto, Foucault (2003, p.14) infere que “o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce” e que se difunde por toda estrutura social, configurando-se numa relação que sempre estará inscrita em relações de poder. O caráter relacional do poder confere a este a existência de lutas contra seu exercício, ou resistências a seus exercícios (FOUCAULT, 2003).

Segundo Foucault (2003, p.241) “onde existe poder, existe resistência”. Quando ele se refere a esse termo ele não se refere a uma substância. Segundo ele “a resistência não é anterior ao poder que ela enfrenta, ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea”. Neste sentido a resistência é como o poder.

A constituição do sujeito, marcada pelas relações de poder que incidem em seus corpos, sugere aos indivíduos uma dimensão de subjetividade, que o possibilitará o rompimento com a rigidez estabelecida pelas redes de poder institucionalizadas. Segundo Rodrigues (2008, p.41), “se o poder se manifesta de forma múltipla através das redes de relações que se estabelecem, é da mesma maneira que a resistência encontra sua expressão.” Segundo ele os indivíduos em sua coletividade estão convidados a uma tentativa de escape dos meios controladores, e para isso necessitam buscar alternativas, possibilidades, modos de criar e inventar suas relações intersociais e consigo. “É essa possibilidade subjetiva de estar sempre se recriando, se transformando, que nos parece



extremamente interessante no que diz respeito à *Body Modification*” (RODRIGUES, 2008, p.42).

É através dessa busca pela modificação do corpo que uma grande parcela da população, insatisfeita com sua própria aparência, irá buscar, a partir dos mais diversos meios de modificação do corpo, essa possibilidade de estar sempre se recriando e se transformando, ou seja, através dos estilos voltados ao culto ao corpo encontra-se a possibilidade de se encontrarem enquanto sujeitos. No entanto, esta procura do encontro de si mesmos através do culto ao corpo se torna uma utopia, já que a perfeição dos corpos nunca é atingida (RODRIGUES, 2008).

4 O CULTO AO CORPO

Vivemos hoje uma cultura de supervalorização e exposição dos corpos. Nunca se falou tanto do corpo, nunca se exibiu tanto o corpo e nunca se valorizou tanto a aparência do corpo. Segundo Fernandes (2011b, p.15), “o corpo esta em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento...”. A busca desenfreada pelo ideal estabelecido caracteriza o corpo de hiperinvestimento.

Entramos em uma época onde a dedicação ao próprio corpo ganha cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas. As academias de ginástica, salões de beleza e estética, clínicas de cirurgias plásticas, dentre outras, prosperam em nome da vaidade. Busca-se, através desses artifícios, uma condução do indivíduo a uma observação intensa e extensa da própria imagem no espelho, como se nada além dessa imagem merecesse tanta atenção no mundo. Além disso, pretende-se aumentar a importância da intervenção sobre o corpo. O cuidado com o corpo vira uma tarefa diária a ser seguida rigorosamente e permanentemente (CODO; SENNE, 2004).

Surge então um novo movimento, um elixir capaz de trazer a felicidade a todos que estiverem propostos a ele se tornar adeptos: a Corpolatria. A Corpolatria é o nome que se dá ao movimento que adota o culto exagerado do corpo como estilo de vida. É caracterizada pela preocupação e cuidados extremos com o próprio corpo não exatamente no sentido de saúde, mas particularmente no sentido narcísico de sua aparência ou embelezamento físico (CODO; SENNE, 2004).

A corpolatria se apoia no narcisismo, no amar a si mesmo. Hoje em dia o culto exagerado do corpo passou a ser sinônimo de bem-estar consigo acima de todas as coisas. Este bem estar é alcançado na medida em que o indivíduo consegue atingir o modelo padrão de juventude proposto pela cultura atual. Tal padrão caracteriza-se pelo apelo à auto exibição sensual de corpos esculpidos e belos. “Tudo se passa como se o bem estar pessoal dependesse se não de forma exclusiva, pelo menos prioritariamente, de um modelo espartano de homem” (CODO; SENNE, 2004, p. 15).

Codo e Senne (2004) salientam que o individuo entra em uma complacência com o próprio corpo, e o elege como objeto sexual, pretendendo com isso chegar à satisfação, usando-se de cuidados e caricias para com ele. A cerca disso tem-se a caracterização do que ele chamou de ‘narcisismo’ como uma patologia que hoje em dia tornou-se uma ideologia. Neste sentido, constatamos que atualmente estamos em uma época onde a valorização do corpo, e de sua imagem aparece sob forma nitidamente individualista. “[...] Eis a principal característica da corpolatria: sempre ressalta um corpo – o meu. Espelho, espelho meu, haverá alguém mais bonito, mais importante do que eu... aliás, existe mais alguém?” (CODO; SENNE, 2004, p. 20).

Codo e Senne (2004) também falam do corpo como sinônimo de status e objeto perante a sociedade, argumentando que a capacidade de modificação do corpo, tornando-o perfeito e bem sucedido, se confunde com as mesmas características no âmbito de realização pessoal, posicionamento social e profissional. Segundo os autores, os cuidados com o corpo estão permeados de significados, ter um corpo de acordo com a padronização proferida é ter status social, isso se explica porque para se alcançar esse ideal de corpo, é necessário que o indivíduo faça diversos investimentos, materiais e imateriais no corpo.

Sant’Anna (2013) fala de exigências e normas que permeiam o culto ao corpo. Segundo ela a primeira exigência se refere à obrigação, o direito e o dever de ser jovem; a segunda vincula-se com a primeira e se refere à obtenção de prazer, que deve ser infinito e constante e vivenciado como regra geral; a terceira exigência se refere à obrigação da felicidade; a quarta se refere à exclusividade do indivíduo na responsabilidade sobre seus sucessos e fracassos. O sujeito é responsável diante das modificações e ações sobre o corpo e também sobre os descuidos sobre o mesmo.



Segundo Codo e Senne (2004) busca-se, através deste árduo trabalho de ações sobre o corpo, nada mais além do que a felicidade e o prazer e, acima de tudo, a construção de uma identidade. Neste sentido, dizemos que tais práticas sobre o corpo correlacionam-se com a busca pelo encontro de si mesmo. “Eis uma constatação inelutável. A preocupação com o corpo que vem marcando nosso cotidiano é, em última instância, uma luta pela reapropriação de si mesmo” (2004, p.11).

A cultura contemporânea é, então, marcada pelo constante processo de redefinição do self e implica na construção e adesão de estilos de vida, que tem o corpo como peça central. O culto ao corpo torna-se algo a ser refletido sob a perspectiva de estilo de vida, dentre as tantas diversidades de escolha. Neste sentido, o indivíduo parte, através do corpo, pela busca de sentidos (GIDDENS, 1997).

A adoção do culto ao corpo como estilo de vida é algo que vem ganhando cada vez mais adeptos pela sociedade. A glorificação do corpo e sua exibição pública são cada vez mais crescentes. O alcance do padrão de beleza pré-estabelecido torna-se então objeto de desejo, fazendo, por conseguinte, inquietar milhões de pessoas (CASTRO, 2007).

Homens e mulheres, na pretensão de se enquadrarem ao que é esteticamente aceito se tornam obsessivos pela busca da perfeição, se tornando escravos dos meios de conseguir alcançar os padrões de beleza. Neste sentido, a obsessão toma conta dos sujeitos, que mesmo alcançando o almejado, ainda se veem insatisfeitos. Emergem-se novos pontos a serem atingidos. A própria imagem refletida no espelho se torna obsedante, incapaz de satisfazer-se com ela, sempre achando que pode e deve aperfeiçoá-la. Neste sentido Codo e Senne inferem que a corpolatria passou a ser uma espécie de patologia da modernidade (CODO; SENNE, 2004).

O fato é a obsessão pela aparência causa frustração, tornando deprimidas e infelizes as pessoas cujo corpo não obedece ao preestabelecido, e, até mesmo as pessoas cujo corpo se apresenta perfeitamente em conformidade com o ideal de beleza atual, parecerem não alcançar uma condição de satisfação, decorrente desta falsa aquisição do corpo (CODO; SENNE, 2004).

Neste sentido pode-se afirmar que alguns dos reflexos dessa imensa submissão ao curso do universo da corpolatria e das ações que o permeiam é o surgimento de algumas patologias, como a anorexia, a bulimia, a vigorexia, dentre outras. Outros tipos de reflexos psíquicos que acometem os indivíduos adeptos da corpolatria estão relacionados a sintomas obsessivos e compulsivos, de privação de contato social, complexo de inferioridade, problemas relacionados à sexualidade, agressividade, consumo de substâncias químicas prejudiciais, além de submissão a tratamentos alternativos que prometem uma solução rápida e milagrosa (SEVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO, 2010).

A imposição dessas condições manipuladoras e controladoras representam um excesso em relação ao que seria necessário para a existência da civilização. Marcuse (1968) nomeia esses excessos como efeito do que ele nomeou de 'mais-repressão'. O excesso de repressão leva ao aumento do sentimento de culpa, perante uma civilização capitalista na irracionalidade.

A mais-repressão é o correspondente pulsional do trabalho alienado. Marcuse (1968) tenta, através desse termo, denunciar o anacronismo da dominação na sociedade. Segundo ele, as tecnologias avançadas deveriam propiciar maior tempo livre ao homem, tempo que ele poderia usar em proveito da realização das verdadeiras faculdades humanas. Sendo assim o avanço tecnológico atuaria contra a repressão. No entanto, o progresso, juntamente com o sentimento de culpa referido anteriormente, neutraliza essa ideia mediante a supremacia da mais-repressão e do princípio de desempenho. O princípio de desempenho se caracteriza pela modalidade de repressão sobre as pulsões que adéqua os homens ao aparato técnico, político e econômico de dominação.

Neste sentido, segundo Marcuse (1968), não haveria uma liberdade propriamente dita no que tange ao desenvolvimento de potencialidades propriamente humanas, pois essa liberdade seria uma utopia. O indivíduo, "eficientemente manipulado e organizado, é livre; a ignorância e a impotência, a heteronomia introjetada, é o preço de sua liberdade" (MARCUSE, 1968, p.13). Em síntese os meios manipuladores impõem uma racionalidade tecnológica e o indivíduo deve adaptar-se a este processo organizacional, onde não há lugar para a autonomia, ou liberdade humana (MARCUSE, 1968).



5 CONCLUSÃO

É através do corpo que o ser humano estabelece a constituição do Eu, sendo assim, o corpo é a base para a constituição do psiquismo humano. É também através desse corpo que o indivíduo se insere na sociedade, a qual se impõe a ele atribuindo modos específicos de coerção.

Atualmente as ordens que ecoam por toda uma sociedade, no que diz respeito ao corpo, é a de uma manutenção de um corpo belo e bem estruturado, onde a corpolatria passa a ser considerada um fenômeno de estilo de vida tendendo a se agravar o quanto mais amplo se torne o mercado de oferta de produtos e serviços que garantem ao indivíduo um trabalho 'otimizado' voltado para o culto ao corpo e o quanto mais seja divulgado como um tipo de elixir capaz de trazer uma libertação pessoal acerca dos determinantes 'repressivos' da produção capitalista. O que na verdade, é uma ilusão, já que o corpo é eleito, em última instância, como objeto de dominação e repressão pela indústria capitalista, o que faz do indivíduo um ser alienado em sua ideia de liberdade de escolhas.

O culto ao corpo vai além da adoção de apenas um estilo de vida passando a ser considerado patológico quando toma formas exageradas, ocasionando ou tomando forma de outras patologias, como a Anorexia Nervosa, a Bulimia Nervosa, Dismorfofobias, dentre outras patologias já citadas no texto, e que são de importância particular de estudo da área da psicologia e psicopatologia. Neste sentido, apontam-se como interessantes investigações mais específicas no que tange a outras questões como, por exemplo; qual seria a correlação entre o culto exagerado do corpo, e o surgimento dessas patologias?

No correspondente o que se apetece como ponto importante de investigação posterior, com relação ao culto tomado por toda uma coerção social, também é interessante o fato de haver uma contradição de coerção existente atualmente, onde se verifica que, de um lado há o estímulo à obtenção de um corpo perfeito, ao mesmo tempo em que de outro há uma sociedade voltada para o capitalismo das indústrias de consumo veiculando propagandas de alimentos tais como *fast-foods*. Os EUA, é um exemplo clássico dessa contradição, é o país das estrelas globais de *Hollywood*, as quais exibem seus corpos tidos como perfeitos e belos, e ao mesmo

tempo é líder de empresas como MC D'onalds e outros do mesmo seguimento. O que isso implicaria para os sujeitos na construção de suas subjetividades?

Tomando como pressuposto algumas dessas questões, é importante que a psicologia deva estar atenta a essas perspectivas de concepção de corpo e suas representações na atualidade, o que tem haver com o social, já que este altera essa dinâmica. Isso significa que ela deve estar atenta às novas formas de apreensão do corpo pelo indivíduo numa sociedade que cobra cada vez mais dele melhores performances, ao mesmo tempo em que oferece a ele uma contradição de consumo. Diante das tantas possibilidades de modificação corporal, cabe se perguntar: como o sujeito se posicionará em relação ao seu corpo e a representação que ele constituirá a partir disto?

Nas intenções as quais este texto se apresenta, podemos concluir que há uma limitação relacionada às questões levantadas e uma exigência de continuidade das investigações que se justificam na apreensão de um conhecimento mais aprofundado das questões envolvidas ao tema e que possam ser utilizadas na intenção de se lidar com a presença do corpo como fator de intervenção da psicologia. Algumas questões já evidenciadas aqui podem auxiliar possíveis direções a serem seguidas nesse âmbito.

BODY, SOCIETY AND CONSTRUCTION OF IDENTITY

ABSTRACT

Nowadays bodies appear as objects of imperative analysis. Considering how the body is valued contemporaneously seems to be of fundamental importance in the field of psychology. This paper aims at analyzing the cult of the body taken as a strong tendency of the lifestyle towards a society that increasingly values the exhibition of beautiful and sculpted bodies. For this, the study starts, especially, from a psychoanalytic perspective and from other philosophical approaches, where the body is conceived as something erogenous, erotic and self-erotic, designated in the order of the symbolic, representational. The study verifies the process in which occurs the transition from a self-erotic body to a body of narcissism, where the individual sets up the idea of a unified body, allowing the development of the self. In a second approach, the study verifies how this body inserts itself in a controller society, imperative of standards, discipline and models, and which considers this body as synonym of power.

Keywords: body. society. cult of the body.



REFERÊNCIAS

- ANZIEU, Didier. **O Eu-Pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- CARDOSO JR., Hélio Rabello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre, v. 18, n. 3, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 19 jun. 2013.
- CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.
- CHEBABI, Wilson de Lyra. Corpo e Psicanálise. In: VILLAÇA, Nizia; GÓES, Fred de; KOSOVSKI, Ester (org.). **Que corpo é esse?** Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- CODO, Wanderley; SENNE, Wilson. **O que é corpo(latria)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Editora 34, 2001.
- _____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. 4.ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2011.
- FERREIRA, Francisco Romão. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. **Interface**, Botucatu, v. 12, n. 26, Set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300002&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 18 ago. 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- _____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. 2d. Rio de Janeiro: Imago, 1989a. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XVIII).
- _____. Ego e o id. In: _____. **Ego e o id e outros trabalhos**. 2d. Rio de Janeiro: Imago, 1989b. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIX).
- _____. **Estudos sobre a histeria**. 2d. Rio de Janeiro: Imago, 1989c. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. II).

_____. Projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. 2d. Rio de Janeiro: Imago, 1989c. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. I).

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. 2d. Rio de Janeiro: Imago, 1989e. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIV)

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. 2d. Rio de Janeiro: Imago, 1989f. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. VII).

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade Pessoal**. 2ed. Oeiras: Celta Editora, 1997.

LACAN, Jacques. O estádio do Espelho como formador da função do eu In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a06v14n3.pdf>>. Acessos em 15 ago.2012.

RODRIGUES, Sérgio Murilo. A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault. **Psicologia em Revista**, v. 9, n. 13, 2008.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, Campinas n.14, 2001. Disponível em: <[http://ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2000\(14\)/SantAnna.pdf](http://ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2000(14)/SantAnna.pdf)>. Acessos em: 19 mar. 2013.

_____. **Ética e cultura corporal**: do culto ao corpo às condutas éticas. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/103.rtf>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; REGO, Mariana Oliveira do; MONTEFUSCO, Érica Vila Real. O corpo idealizado de consumo: paradoxos da hipermodernidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 1, mar. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 19 mar. 2013.

WINOGRAD, Monah; MENDES, Larissa da Costa. Qual corpo para a psicanálise? Breve ensaio sobre o problema do corpo na obra de Freud. **Psicologia: teoria e prática**, v. 11, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1669/1231>>. Acessos em: 13 nov. 2012.